

A Análise da Manifestação do Consciente Coletivo em uma Equipe de Tutores

Kelly Cristina Benetti
Janaína de S. Barbosa Nemoto
Rosana Rosa Silveira
Raquel Bohnen Busanello
Marina Keiko Nakayama
Francisco Antônio Pereira Fialho

RESUMO

Este artigo propõe analisar a manifestação do consciente individual e coletivo por meio da descrição da relação do indivíduo e o grupo em uma equipe de tutores do curso de graduação em Administração a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina através da convergência das teorias de Newmann e Senge. Desta forma foi conduzida uma pesquisa qualitativa, descritiva, documental, bibliográfica, teórico-empírica e estudo de caso. Os resultados da análise demonstraram que existe a dominância sobre os objetivos pessoais inconscientes com uma grande influência do grupo no ego, que ainda existe fortemente como fonte impulsionadora. Portanto, pode-se concluir que apesar do inconsciente ser bastante desconhecido e seus conteúdos terem grande influência na caminhada do homem, ele percebe que neste caminho sua dependência atrapalha o grupo e que cada vez mais seu autoconhecimento tornar-se mais claro, assim poderá contribuir de forma verdadeira para com a sociedade que vive.

1 INTRODUÇÃO

Neumann começou seus estudos a partir dos arquétipos, entendendo, qual o significado dos mesmos. Um dos maiores estudiosos, dos arquétipos foi o psiquiatra Carl Gustav Jung.

De acordo com Storniolo (2002), o arquétipo é um dinamismo que se faz presente pelo poder numinoso e fascinante de uma imagem arquetípica. São predisposições inatas que surgem na consciência como: imagens, padrões ou motivos recorrentes e universais que representam e simbolizam a experiência típica humana universal de diferentes maneiras. São elementos primordiais da estrutura da psique humana. Eles constituem sistemas de presteza para a ação, como ao mesmo tempo imagens e emoções.

Arquétipos são por definição, fatores e motivos que arranjam os elementos psíquicos em certas imagens que podem ser reconhecidas somente pelo efeito que elas produzem; como o campo magnético de uma barra imantada sobre um objeto de ferro. Quando os arquétipos se manifestam, já não são mais eles que são percebidos e sim suas representações, ou imagens arquetípicas.

Para se falar dos arquétipos é importante antes, que seja feita uma relação com os estudos de Freud e a interpretação de Jung a partir desses estudos. Freud "descobriu" o inconsciente como sendo aquela parte da psique que contém experiências desagradáveis ou mesmo traumáticas que tenham sido reprimidas pela mente consciente. Jung vai mais longe: em sua opinião, não só existe um inconsciente individual como também existe um inconsciente coletivo, o qual contém a imensa herança psíquica da evolução humana. De acordo com Jung (1950), esta herança renasce na estrutura de cada indivíduo.

Assim tanto para Freud, quanto para Jung, os sonhos podem ser considerados como possíveis escapes do inconsciente individual e coletivo. Por exemplo: figuras que aparecem freqüentemente nos sonhos como o tenebroso perseguidor ou a criança inocente são símbolos que representam uma ligação com dimensões sobre as quais não estamos conscientes. Estas podem despertar em nós certas associações que não poderíamos entender apenas com a mente racional.

Jung descobriu que muitos destes símbolos são de natureza universal. Estes podem ser encontrados nos mitos e contos de fadas de todos os povos. Eles mostram um "conhecimento" ou "sabedoria" comum a toda a humanidade. Por isso Jung chamou a estes símbolos, Imagens Primordiais ou Arquétipos.

Jung descreveu a realidade psicológica dos mitos como projeção dos arquétipos e expressão do processo de individuação. Os mitos guiam a busca de desenvolvimento do *Self* Individual em cada cultura pela introjeção das imagens oriundas da projeção dos arquétipos. No seu livro *Aion*, porém, Jung ampliou a função do mito para formar também da Consciência Coletiva, através da descrição do Mito Cristão durante a era astrológica de Peixes (Jung, 1950).

Esse caminho de Jung foi continuado por Erich Neumann, que descreveu a formação histórica da Consciência Coletiva sucessivamente através de mitos que expressariam o Arquétipo Matriarcal e o Arquétipo Patriarcal (Byington, 2005).

Esse consciente coletivo se expressa de diversas maneiras e pode ser identificado nas relações entre os indivíduos e pela forma com que o grupo lida com questões individuais e coletivas. A aplicação destas teorias na prática organizacional tem sido desenvolvida por Senge (1998).

A teoria de Senge (1998) trata da apresentação dos requisitos para a transformação em uma organização que aprende. Para isso são abordadas cinco disciplinas principais: domínio pessoal, modelos mentais, visão compartilhada, aprendizagem em grupo e pensamento

sistêmico (a quinta disciplina). A análise das disciplinas direciona para um raciocínio enfocando primeiramente o indivíduo, passando-se ao grupo e ao organizacional.

Assim, este trabalho objetiva analisar a manifestação do consciente individual e coletivo por meio da descrição da relação do indivíduo e o grupo em uma equipe de tutores.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 O inconsciente coletivo

Pode-se dizer que desde os primórdios, mais especificamente, nos tempos das cavernas, surgiram as primeiras manifestações imagéticas, ou seja, eram incubadoras de imagens, cujos espaços permitiam aos homens conviver lado a lado. Tais imagens proporcionaram ao seu imaginário uma "segunda realidade".

É desta forma, que o inconsciente coletivo pôde sensibilizar-se com certas imagens, ou símbolos que constelam sentimentos profundos de apelo universal, os denominados arquétipos. (Neumann, 1995).

Os arquétipos, cujas interconexões dão base ao inconsciente coletivo, são o indício das possibilidades herdadas de desenvolvimento de determinados processos psicológicos, como, por exemplo, as estruturas que tornam possíveis a experiência. De acordo com a concepção de Zanatta (1999), eles podem ser vistos e isolados amplamente na mitologia, nas religiões, nos sonhos, entre outros. Jung coloca a idéia de "arquétipo" em estreita relação com certos padrões, "trilhas" específicas que, no caso, a imaginação humana pode percorrer. São caminhos ou trilhas que muitas vezes já foram percorridos no passado. Neste sentido, segundo o entendimento de Jung (1991, p. 224)

[...] naturalmente não se trata de idéias hereditárias, e sim de uma predisposição inata para a criação de fantasias paralelas, de estruturas idênticas, universais, da psique, que mais tarde chamei de inconsciente coletivo. Dei a essas estruturas o nome de arquétipos.

Em suma, o conceito de arquétipo se refere àquilo que é da ordem imaginária. Corroborando com esta idéia, o referido autor menciona: “o conteúdo do inconsciente, na verdade, é, seja lá como for, uma propriedade universal, coletiva, da humanidade” (Freud, 1976, p. 156).

Para Jung (1991, p. 851) é nesse nível que se registra a experiência acumulada da humanidade. Em outras palavras:

Ao lado desses conteúdos inconscientes pessoais, há outros conteúdos que não provêm das aquisições pessoais, mas da possibilidade hereditária do funcionamento psíquico em geral, ou seja, da estrutura cerebral herdada. São as conexões mitológicas, os motivos e imagens que podem nascer de novo, a qualquer tempo e lugar, sem tradição ou migração históricas. Denomino esses conteúdos de inconsciente coletivo.

O inconsciente coletivo, segundo Neumann (1995) corresponde à camada mais profunda da psique humana. Em síntese, o inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, ele é herdado. Representa um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças que são compartilhadas por toda a humanidade.

2.2 O Indivíduo e o grupo

Considerando a grande influência na constelação das imagens arquetípicas sobre o destino e o quê há por detrás destas imagens, Neumann (1995, P.195) refletia sobre esta corrente energética vivenciada como sendo do grupo ancestral na vida do homem conforme segue:

[...]Os três fatores básicos que determinam o destino do homem são: o mundo como universo exterior dos eventos exteriores do homem, a comunidade como terreno das relações inter-humanas e a psique como mundo da experiência humana interior.

O homem é um ser relacional e esta natureza é a base para sua evolução, ele precisa deste deslocamento de energia de dentro para fora para se sentir útil, motivado, criativo e com propósitos na vida. Talvez sua concepção fosse com esta finalidade: a interação. Pois, se partir deste princípio de concepção pode-se achar algumas respostas ao processo evolutivo: a comunicação, por exemplo, que diferencia o homem dos demais animais, relevando-o à categoria de animais racionais.

São conteúdos históricos conscientes estas atitudes que o indivíduo possui frente aos desafios que o destino os coloca, sendo parte de seu processo evolutivo e de seu desenvolvimento humano.

Outra denominação inseparável do homem são os conteúdos históricos inconscientes, que por natureza está intimamente ligado a cultura de cada grupo. Precede o fato que para sobrevivência o homem possuía determinados costumes de sua cultura. Para este estilo cultural chama-se de tribos ou grupos ancestrais, onde estabeleciam regras que estavam além de *status*, tratava-se de referência para que o indivíduo pudesse ter a licença para viver.

Naquele tempo, imperava eticamente a responsabilidade grupal, pela qual o indivíduo não existia independentemente do grupo, mas apenas como parte dele (Neumann, 1995, p.197).

Seria impossível realizar a transcendência através do encontro com o *self* sem antes ter a liberdade para o seu próprio pensar e para fazer suas escolhas. Se o destino de cada pessoa fosse traçado a partir de regras estabelecidas pela cultura ao redor, o *self* ficaria ali aprisionado.

No entanto, sendo o homem basicamente inter-relacional há forte influência destas imagens arquetípicas predominantes do grupo no inconsciente da psique individual, que podemos chamá-la de psique grupal. Sendo denominada como uma corrente de energia que possui um fluxo na intencionalidade das atitudes.

O homem moderno, vivencia esta onda através de arquétipos e de emoções compartilhadas. Por isso a solidariedade emocional que se instaura através da comoção coletiva na consciência de alguma maneira, mas que fundamentalmente está relacionada no inconsciente coletivo. Não entra-se aqui no âmbito amoroso, mas sim da recoletivização, de um ambiente recolhedor onde o quê prevalece são os interesses dos iguais.

A solidariedade emocional arrasa então as diferenças, ainda bem pouco desenvolvidas, entre os indivíduos e entre as estruturas das suas consciências e a sua comoção sempre restaura novamente a unidade original do grupo. Esse fenômeno, que se manifesta como recoletivização das massas, ainda exerce poderosa influência sobre a vida do indivíduo na sua relação com a comunidade (Neumann, 1995, p.199).

E ainda, se tratando de arquétipos o de liderança possui uma energia inconsciente remanescente e essencial. Sendo através desta imagem, a de líder, que permanece o

simbolismo e o realismo da imagem do grupo com a necessidade de ouvir fora e preencher o sentido dentro. O líder deve possuir um magnetismo que satisfaça os desejos de seu grupo, através dos sentidos e por consequência das atitudes.

No entanto, a liberdade tardia do ego no grupo traz ainda hoje grande influência e dependência inconsciente do grupo. Conforme constata-se nas palavras de Neumann (1995, p.201):

[...]Quanto menos individualizadas forem as pessoas, tanto mais forte será a projeção do *self* sobre o grupo e tanto mais fortes serão as participações inter-humanas inconscientes dos membros do grupo.

Também há a importância de que evolui-se na busca da liberdade para o encontro do *self*, significa que o destino também mudou e que existe nas ações do homem a necessidade de uma caminhada individual para o encontro da transcendência.

Sendo que, se essa razão ainda está obscura a alguns, admitindo a constelação do *self* no grupo, prejudica está o destino, que sendo o senhor do tempo, tardiamente revelará uma evolução ainda maior ao homem.

2.3 O consciente coletivo

Na visão de Neumann (1995), o símbolo é o que põe o homem em movimento, pois move o inconsciente. Como consequência, o consciente se expõe ao efeito do símbolo e se deixa “co-mover” por ele. Essa permeabilidade afeta toda a psique, fazendo com que através do símbolo a consciência do homem se torne espiritualmente capaz e atinja a autoconsciência.

Considerando esse efeito, o homem toma consciência do arquétipo que está constelando naquele momento, tanto no indivíduo quanto no grupo do qual ele faz parte. Uma vez que, para o autor, enquanto o indivíduo está contido na cultura do grupo, está em equilíbrio, compensando os fatores individuais nos arquétipos.

Os símbolos e arquétipos são as projeções do espírito criador de conteúdo, forma, ordem e sentido da natureza humana. Estes estão representados na arte, religião, festas, cultos, entre outros.

Assim, dentro do coletivo, os homens criadores formam o elemento que, ao mesmo tempo, segue adiante e se religa às origens.

É o que ajuda a manter a cultura em equilíbrio, cuidando para que não se afaste em demasia das suas raízes ou, por outro lado, se fossilize devido ao conservadorismo.

Enquanto o indivíduo comum não tem alma própria, porque o grupo e o seu cânone de valores lhe dizem o que ele pode ou não ser psicologicamente, o herói possui uma alma própria, a alma que conquistou lutando.

2.4 A expressão do consciente coletivo nas organizações

De acordo com Senge (1998) o verdadeiro crescimento espiritual expõe a uma realidade mais profunda; ensina a ver a realidade atual com mais clareza e, ao ressaltar a diferença entre visão e realidade atual, gera tensão criativa da qual resulta a aprendizagem eficaz. A busca pelo domínio pessoal leva a certeza da “ignorância”, ou seja, quanto mais se estuda e agrega conhecimento, mais é reconhecido o quão pouco se conhece do mundo. É o que Senge denomina “domínio pessoal”, e está mais relacionado ao aspecto individual.

A próxima disciplina a ser abordada são os modelos mentais: a abordagem sistemática continua com a ênfase dada por Senge aos modelos mentais. Essa disciplina exige que os gestores construam modelos mentais para as forças propulsoras que estão por trás dos valores e princípios da organização. Como são desenvolvidos ao longo do tempo, são difíceis de

serem mudados, sendo necessária uma pré-disposição, ou seja, uma abertura a essa nova aprendizagem. Esses modelos são observados tanto nas esferas individuais quanto nas organizacionais.

Quanto à visão compartilhada, encontra-se um paradoxo, sendo que se apresenta a idéia da busca por equipes heterogêneas, sendo que este fato pode levar a uma maior dificuldade de integração entre os objetivos organizacionais e pessoais.

A participação e o comprometimento são palavras chaves no processo de compartilhamento da visão, pois é necessário o sentimento de pertença, ou seja, sentir fazer parte do todo, bem como o comprometimento remete à busca de objetivos conciliatórios e paralelos.

Ainda em relação ao coletivo, tem-se a aprendizagem em grupo: a aprendizagem eficaz em grupo envolve processos alternativos de diálogo e discussão. O diálogo exploratório e amplia as possibilidades, enquanto a discussão reduz as opções de encontrar às melhores alternativas para decisões futuras. Embora esses dois processos sejam complementares, precisam ser separados. Infelizmente, muitos grupos são desprovidos da capacidade de distinguir entre os dois e de saber passar um para outro.

Finalmente agregam-se as reflexões sobre pensamento sistêmico. Pode-se considerar a organização como um ente vivo, com comportamento e padrões de aprendizagem próprios.

Apresenta-se também a idéia de “arquétipos sistêmicos” para auxiliar gerentes a reconhecer padrões repetitivos, os quais podem levar a problemas recorrentes ou limitar o crescimento.

A premissa básica de Senge é: as pessoas devem deixar de lado suas antigas formas de pensar (modelos mentais); aprender a ser receptivas com os demais (domínio pessoal); entender como a empresa funciona (pensamento sistêmico; fazer um plano que conte com a concordância de todos uma visão compartilhada); e depois trabalhar juntas para alcançar essa visão (aprendizagem em grupo).

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada em uma pesquisa deve ser vista como a estrutura e orientação geral de uma investigação, que provê um modelo de trabalho dentro do qual há uma coleta dados ou informações que serão analisados.

Quanto ao tipo de estudo, caracteriza-se como descritiva, documental, bibliográfica, teórico-empírica, estudo de caso. Em relação à abordagem classifica-se como predominante qualitativa.

As informações coletadas a respeito do curso a distância foram extraídas de documentos institucionais do Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

Quanto ao tipo de corte, esta pesquisa é transversal, neste caso, com os tutores participantes do segundo semestre de 2007.

Foram coletados dados primários junto aos tutores do curso, por meio da aplicação de 12 questionários.

Após a coleta de dados vem a seção de tratamento. As estratégias de análise adotadas foram: descritiva e interpretativa, complementadas com a análise de discurso.

4 CURSO ADMINISTRAÇÃO A DISTÂNCIA DA UFSC

Diante da demanda motivada pelo Ministério de Educação, com a finalidade de atender às necessidades das empresas estatais em termos de qualificação dos seus servidores públicos, a UFSC, em parceria com instituições de ensino superior, participa do projeto de

criação do Curso de Graduação em Administração, na modalidade a distância, como um programa da Universidade Aberta do Brasil – UAB/MEC.

O curso de Administração a distância da UFSC tem como objetivo geral preparar o aluno para ser um profissional criativo, com capacidade empreendedora, capaz de se integrar facilmente aos objetivos de uma organização e coordenar, em qualquer ramo de atividade, as mais importantes estratégias operacionais.

A carga horária total do curso é de 3000 (três mil) horas/aulas, sendo a maior parte ministrada a distância e não mais que 20% presencial. As presenciais constituem encontros presenciais, seminários temáticos e exames.

O currículo do Curso de Graduação em Administração na modalidade a distância tem como pressuposto a concepção de educação contínua e permanente, que possa ser oferecida pelas instituições educativas de forma aberta, sem restrições, exclusões ou privilégios.

O curso conta com a seguinte equipe de apoio: 3 Tutores Supervisores, 14 Tutores, 1 Coordenador do Curso e 1 Coordenador da tutoria, além de uma Comissão Coordenadora (7 professores) e o Conselho Editorial (4 professores).

O tutor é graduado em Administração ou estudante das fases finais do curso e destaca-se na sua função o fato de que são facilitadores da aprendizagem, motivando e estimulando os estudantes a realizarem as atividades, esclarecendo dúvidas, reforçando a aprendizagem e também coletando informações sobre os estudantes (desempenho, notas, atividades realizadas, opiniões e sugestões). São eles os responsáveis pelo envio, recebimento e correção de atividades ao seu grupo de estudantes, para tanto, vale ressaltar que cada tutor é responsável por um grupo de 35 alunos.

5 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Com a finalidade de analisar a manifestação do consciente individual e coletivo por meio da descrição da relação do indivíduo e o grupo a partir da relação entre as teorias de Newmann e Senge. Para tanto, foram analisadas quatro das disciplinas de Senge, que são: domínio pessoal, modelos mentais, visão compartilhada e pensamento sistêmico.

Em relação ao domínio pessoal, seis dos membros da equipe consideram que seu trabalho proporcionou um reforço das disciplinas cursadas na graduação, cinco responderam que o trabalho contribuiu para o incremento da interação entre as pessoas e para o desenvolvimento da paciência. No mesmo sentido, quatro responderam que desenvolveram a habilidade de comunicação, e três a autoconfiança. Também foram mencionadas: objetividade, didática, trabalho em equipe, planejamento do tempo, concentração, capacidade de estabelecer objetivos, empatia e visão do todo.

Sendo assim, ao relacionar essa disciplina de Senge ao estudo de Newmann, percebe-se a manifestação da evolução da consciência do indivíduo por meio da expressão dos tutores de que houve desenvolvimento de suas habilidades, o que deixa claro o desenvolvimento do *self*. Assim, pode-se afirmar que nesse caso, os indivíduos tomaram consciência do desenvolvimento de si (auto-conhecimento) podendo levar ao caminho da transcendência individual.

Com relação aos modelos mentais, cinco respondentes mencionaram que o trabalho ampliou sua capacidade e seu entendimento quanto ao relacionamento interpessoal. Um dos respondentes complementa essa afirmação quando expõe:

E o interessante é o compartilhamento de informações. Mesmo lendo sobre o mesmo assunto, confrontar diversos pontos de vista, debater constrói e fortalece as idéias. Quando conversamos mais sobre o assunto, além de aumentar os pontos de vista pelos quais podemos abordá-lo, fixamos melhor o conteúdo.

Outros três citaram que houve mudança significativa no seu modo de estudar. Cabe destacar o seguinte depoimento:

Acredito que o fato mais marcante foi saber que é possível gostar de um trabalho o suficiente pra ficar motivado boa parte do tempo e criar expectativas com relação ao futuro (as próximas disciplinas). Eu ainda via o trabalho como uma mera necessidade, hoje vejo como um hobby. A tutoria ajudou muito nisso, já que estudar pra mim é um hobby (com exceção de algumas matérias).

Foram citados também o espírito colaborativo, o trabalho em equipe, o processo de tomada de decisão, o processo de construção do conhecimento, saber ouvir, o equilíbrio de interesses, a mudança de perspectiva quanto ao processo de ensino-aprendizagem (de aluno a professor), o modo de ver o trabalho, a capacidade crítica e a visão holística.

Percebe-se que os membros do grupo compreendem que é possível o indivíduo influenciar o grupo e criar uma consciência coletiva ao mesmo tempo em que o indivíduo é influenciado pelo grupo de maneira inconsciente.

Quanto à visão compartilhada, percebe-se que há um forte compartilhamento do entendimento dos objetivos do trabalho do tutor, uma vez que houve a convergência das respostas para o objetivo de auxiliar o aluno no desenvolvimento de suas atividades no curso. Uns definem de forma mais ampla, outros de forma mais objetiva. Todos projetam esse objetivo para suas equipes de forma similar e ainda percebem sua participação no alcance do objetivo do curso, que é, segundo eles, formar profissionais para o mercado de trabalho.

É importante destacar um depoimento que bem ilustra essa convergência:

O objetivo de meu trabalho está no auxílio aos alunos no sentido de facilitadora de seu aprendizado. No entanto, acredito que tal fato só pode ser conseguido através iniciativa de todos da equipe, no sentido de que os membros devem auxiliar uns aos outros facilitando o trabalho individual, somando esforços.

Assim, também se constata que o trabalho individual depende do funcionamento da equipe, uma vez que dez respondentes afirmam que se o trabalho não fosse feito em equipe impediria o compartilhamento do conhecimento. Outros cinco responderam que não seria possível a padronização do atendimento prestado, prejudicando os alunos, assim como a qualidade (duas respostas) e a eficiência (uma resposta).

Desta análise pode-se novamente relacionar Senge e Newmann quando o último se refere ao compartilhamento dos interesses do grupo. Nota-se que ocorre o fenômeno da recoletivização, pois cria um ambiente que demonstra essa convergência de interesses, o que Senge chama de visão compartilhada.

Por fim, o pensamento sistêmico. Constata-se que todos percebem que seu trabalho impacta no alcance dos objetivos da organização, atuando principalmente como facilitadores da aprendizagem (sete respostas), e também como suporte para os alunos (três respostas), como motivador (três respostas) e ainda como canal de comunicação (uma resposta). Conforme a declaração:

De maneira bastante profissional, contribuo com o meu conhecimento, ou quando demonstro desconhecimento, pesquiso para sanar minhas dúvidas, de modo a orientar com mais precisão aos alunos, incentivando o desenvolvimento de raciocínio crítico e analítico. Apontando para eles caminhos a serem seguidos e fazendo com que essas “trilhas” sirvam de suporte para o seu desenvolvimento profissional e pessoal.

Com essa declaração é possível perceber o que Newmann chama de projeção do *self* individual sobre o grupo, pois existe claramente um impacto direto do alcance dos objetivos individuais nos objetivos coletivos da organização.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias de Newmann e Senge são convergentes no sentido de que dentro das quatro disciplinas eleitas para análise (domínio pessoal, modelos mentais, visão compartilhada e pensamento sistêmico) é possível perceber que os fenômenos inconscientes coletivos, descritos por Neumann estão presentes. Fenômenos estes individuais e coletivos, no entanto com maior ênfase na análise do coletivo, direcionando o estudo para este caminho.

Mesmo com a questão da problemática existente da separação tardia do ego individual projetado e da enorme influência dos aspectos inconscientes do grupo, descrita por Newmann, os resultados foram otimistas.

Os resultados da análise demonstraram clareza para o encontro do *self*, ou seja, dominância sobre os objetivos pessoais inconscientes como a grande influência do grupo no ego ainda existe fortemente como fonte impulsionadora.

Portanto, pode-se concluir que apesar do inconsciente ser bastante desconhecido e seus conteúdos terem grande influência na caminhada do homem, cada história individual é uma jornada heróica, pois, apesar da necessidade quase inata em ter que sentir-se aceito no grupo para desenvolver-se, o homem percebe que neste caminho sua dependência atrapalha o grupo e se cada vez mais seu auto-conhecimento tornar-se mais claro, assim poderá contribuir de forma verdadeira para com a sociedade que vive.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo**. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JUNG, Carl Gustav. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. 7 ed. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. v. V. Par. 224. Editora Vozes. Petrópolis, 1991.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. v. VI. Petrópolis: Vozes, 1991.

NEUMANN, Erich. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SENGE, Peter. **A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende**. São Paulo: Best Seller, 1998.

STORNILO, Ivo. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

ZANATTA, Rodrigo. **O id e o inconsciente coletivo: questões a Freud, Jung e Lacan**. 1999. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/artigos>> Acesso em: 21 maio de 2008.